

Gustav Mahler Jugendorchester

Lorenzo Viotti

08 MARÇO 2017

 GULBENKIAN
MÚSICA



gulbenkian.pt/musica

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
MÚSICA DE CÂMARA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO PIANO



MECENAS
CORO GULBENKIAN



Ciclo Grandes Intérpretes

08 DE MARÇO
QUARTA

21:00 — Grande Auditório

Gustav Mahler Jugendorchester

Lorenzo Viotti Maestro

Igor Stravinsky

Octeto para instrumentos de sopro

Sinfonia: Lento – Allegro moderato

Tema con variazioni: Andantino

Finale: Tempo giusto

Piotr Ilitch Tchaikovsky

Serenata para Cordas, op. 48

Pezzo in forma di sonatina: Andante non troppo –

Allegro moderato

Valse: Moderato. Tempo di valse

Élégie: Larghetto elegiaco

Finale (Tema russo): Andante – Allegro con spirito

Sergei Rachmaninov

Danças Sinfónicas, op. 45

Non allegro

Andante con moto. Tempo di valse

Lento assai – Allegro vivace

Maurice Ravel

Bolero

INTERVALO

Duração total prevista: c. 2h

Intervalo de 20 min.

Este concerto é gravado pela RTP – Antena 2

Igor Stravinsky

Oranienbaum, 17 de junho de 1882

Nova Iorque, 6 de abril de 1971

Octeto para instrumentos de sopro

COMPOSIÇÃO: 1923

ESTREIA: Paris, 18 de outubro de 1923

DURAÇÃO: c. 16 min.



IGOR STRAVINSKY, c. 1923 © DR

Num ensaio da autoria de Stravinsky, intitulado “Algumas ideias acerca do meu octeto”, publicado em 1924, o compositor expunha os princípios técnicos e estilísticos que nortearam a sua produção musical a partir dos primeiros anos da segunda década do século XX. Efetivamente, o ano de 1923 marca não só a estreia de Stravinsky como maestro – vertente que a partir de então viria a assumir regularmente – mas sobretudo define uma significativa alteração de paradigma na sua música, plenamente consonante com o movimento intelectual e artístico parisiense, cujas bases foram enunciadas no panfleto *Le Coq et l'Arlequin* de Jean Cocteau, no qual se defendia uma arte objetiva e direta, na forma de “uma música telúrica, uma música do quotidiano”. Para além de outros aspetos que consubstanciam o marcante desvio de orientação estética na referida obra, é possivelmente a bizarra instrumentação – que Stravinsky só definiria após ter composto a *Sinfonia* inicial do Octeto – o elemento que mais se salienta. Refutando logo

à partida os instrumentos de corda friccionada, mais vulneráveis a nuances tímbricas e dinâmicas, aspetos então indesejáveis na sua ótica, optou por um conjunto de instrumentos de sopro (flauta transversal, clarinete, dois fagotes, dois trompetes e dois trombones) cuja sonoridade incisiva e diamantina melhor serviam os seus propósitos criativos. Esta clareza de timbre e textura, mecânica, objetiva, e acima de tudo antirromântica, constituiria o núcleo da sua linguagem musical nos trinta anos seguintes. Através da assumida utilização de modelos formais e tipologias musicais (forma sonata, tema com variações, fugado, rondó) e de gestos rítmicos e harmónicos que remetem para o passado mais longínquo do século XVIII, Stravinsky criou uma obra sintética que, apesar das múltiplas referências musicais, se revela fortemente impessoal. Nas suas próprias palavras, trata-se de “um objeto musical” autorreferente, no qual o único veículo da emoção e do significado se define no próprio intercâmbio dos seus elementos musicais.

Piotr Ilitch Tchaikovsky

Votkinsk, 7 de maio de 1840

São Petersburgo, 18 de novembro de 1893

Serenata para Cordas, op. 48

COMPOSIÇÃO: 1880

ESTREIA: São Petersburgo, 30 de outubro de 1881

DURAÇÃO: c. 30 min.

Tchaikovsky
Serenade in C
for Strings, Op. 48

Andante non troppo. (Alz. rit.)

Violino I.
Violino II.
Viola.
Cello.
Baixo.

Violino I.
Violino II.
Viola.
Cello.
Baixo.

Violino I.
Violino II.
Viola.
Cello.
Baixo.

SERENATA PARA CORDAS, OP. 48, LEIPZIG, ERNSTEULENBERG, C. 1920 © DR

Composta em simultâneo com a também célebre *Abertura 1812*, a Serenata op. 48 tornar-se-ia uma das mais notáveis obras para cordas do período romântico e uma das mais introspetivas e sublimes composições do acervo de Tchaikovsky. Numa carta dirigida à sua benfeitora Nadezhda von Meck, o compositor refere-se à Serenata, como uma obra escrita por “compulsão interior”, uma “peça vinda diretamente do coração”. O afeto que sentia por esta composição é igualmente expresso ao seu amigo e editor Pyotr Jurgenson nos seguintes termos: “Talvez por ser a minha mais recente gestação, ou talvez por não ser de facto má, sinto-me terrivelmente apaixonado por esta Serenata”. Ao profuso lirismo com que se inicia o *Andante non troppo* do primeiro andamento, sucede um efusivo *Allegro moderato*, vertido numa forma sonata, apresentando a tradicional dicotomia entre os dois temas principais. Após a secção de reexposição, o andamento conclui com o tema inicial do *Andante*, tratado agora de uma forma mais enérgica. Acerca deste primeiro andamento, Tchaikovsky afirmou: “Trata-se da

minha homenagem a Mozart. Pretende ser uma imitação do seu estilo e ficarei muito satisfeito se, de alguma forma, consegui aproximar-me do meu modelo”. De entre as muitas valsas escritas por Tchaikovsky, a que compõe o segundo andamento da Serenata é certamente uma das mais joviais e elegantes que alguma vez escreveu, rica na rapsódica profusão de temas. A notável *Élégie* consiste, em termos estruturais, numa forma ternária (A-B-A), na qual a forte carga emocional e a nostalgia das secções externas é momentaneamente aliviada pela secção central. Nesta, destaca-se o sublime trabalho melódico, cujo recorte remete para um lirismo quase operático. O *Andante* inicial do último andamento é baseado numa melodia popular russa, típica dos pescadores do Volga, ao qual sobrevém um efusivo *Allegro con spirito*, também em forma de sonata, onde se destaca o segundo tema, enunciado pelos violoncelos contra o acompanhamento em *pizzicato* dos violinos – no fim do qual reaparece o tema da introdução do primeiro andamento.

Sergei Rachmaninov

Oneg, 20 de março de 1873

Beverly Hills, 28 de março de 1943

Danças Sinfónicas, op. 45

COMPOSIÇÃO: 1940

ESTREIA: Filadélfia, 3 de janeiro de 1941

DURAÇÃO: c. 35 min.



SEERGEI RACHMANINOV, c. 1920. © DR

Talvez devido à relativamente fraca recepção das suas composições orquestrais de finais dos anos trinta – exceção feita à *Rapsódia sobre um tema de Paganini*, op. 43 (1934) – ou eventualmente por sentir-se desolado com as frequentes críticas feitas à sua música, por muitos considerada anacrónica ou irrelevante quando comparada com a dos seus contemporâneos Stravinsky e Schönberg, o facto é que Rachmaninov tinha praticamente cessado de compor, nos seus últimos anos, para se dedicar exclusivamente à sua carreira enquanto pianista, aquela que ao longo da sua vida maior sucesso lhe tinha trazido. Contudo, a necessidade interior de escrever música ressurgiu no verão de 1940, quando o compositor e toda a sua família tinham já abandonado definitivamente a Europa, fixando-se então numa residência em Orchard Point, em Long Island, nos Estados Unidos da América, próximo dos seus amigos e contemporâneos Vladimir e Wanda Horowitz e do coreógrafo Michel Fokine. Este último tinha recentemente criado um bailado sobre a música das *Variações sobre um tema de Paganini*,

que então se tornou muito popular entre o público. As *Danças Sinfónicas* – que numa fase inicial da composição foram intituladas, "Danças Fantásticas" – constituem a derradeira obra que Rachmaninov legou à posteridade. Caracterizando-se através da enorme vitalidade rítmica, de uma brilhante orquestração ou pelas invulgares progressões harmónicas, esta obra é emblemática do seu estilo tardio. O interesse de Rachmaninov pelos timbres individuais dos instrumentos, no seio da orquestra, expressa-se sobretudo no talentoso solo de saxofone alto, presente no primeiro andamento das *Danças Sinfónicas*. É igualmente notável a valsa do segundo andamento, cujo enigmático colorido harmónico e orquestração criam um fantástico ambiente onírico. Imbuído de um sentimento religioso, o andamento final contém citações de cânticos ortodoxos russos, assim como do hino gregoriano *Dies Irae* e do *Aleluia* das suas *Vésperas*, op. 37, obra coral *a cappella* escrita em 1915. O compositor despede-se assim da sua carreira, e, premonitoriamente, da existência terrena, com um hino de louvor e agradecimento.

Maurice Ravel

Ciboure, 7 de março de 1875
Paris, 28 de dezembro de 1937

Bolero

COMPOSIÇÃO: 1928
ESTREIA: Paris, 22 de novembro de 1928
DURAÇÃO: c. 15 min.



FIGURINO DE L. LEVITZ PARA O BOLERO DE RAVEL, 1941 © DR

Acerca do seu *Bolero*, Ravel afirmou: “Representa uma experiência muito especial e limitada. Consiste apenas de um tecido orquestral, mas sem música – um longo e gradual crescendo. Não há contrastes e praticamente não existe criatividade. Os temas são muito impessoais... melodias populares de tipo hispano-árabe, sendo que a escrita orquestral é muito simples e direta, sem qualquer recurso a virtuosismos”.

Perante tal descrição, é lícito questionar de que forma é que o *Bolero* se afirmou como uma das mais célebres composições orquestrais do século XX, não só nas salas de concertos, mas também no universo cinematográfico, marcando a sua presença em aproximadamente duas dezenas de filmes. O próprio compositor viria a revelar-se espantado com o enorme sucesso que esta sua obra obteve.

O *Bolero* – que Ravel cognominou de “dança lasciva” – nasce de uma sugestão da famosa bailarina Ida Rubinstein, a qual viria a participar na estreia da obra, com coreografia de Bronislava Nijinska e cenários de Alexandre Benois.

A ação do bailado decorre numa rústica taberna espanhola, tendo como protagonista uma voluptuosa bailarina, que dança sobre uma mesa – a inspiração do tema é por demais óbvia, remetendo claramente para a *Carmen* de Bizet. Gradualmente, os homens juntam-se fervorosamente à sua provocadora dança, até ao ponto em que, estando os humores ao rubro, navalhas são empunhadas e estala a violência. O paulatino crescendo na música – que acontece sobretudo ao nível das dinâmicas e da orquestração – e a súbita e estranha modulação nos últimos compassos são um notável reflexo do que decorre no plano coreográfico. O obsessivo ritmo do *Bolero* desempenha um papel essencial, afirmando-se, paralelamente aos exóticos arabescos melódicos, como a força motriz desta dança hispânica. Por outro lado, muita da beleza contida nesta obra reside na orquestração, na gradual e subtil alteração da paleta tímbrica que Ravel sabia utilizar com rara perícia.

NOTAS DE LUÍS RAIMUNDO

Lorenzo Viotti

Maestro

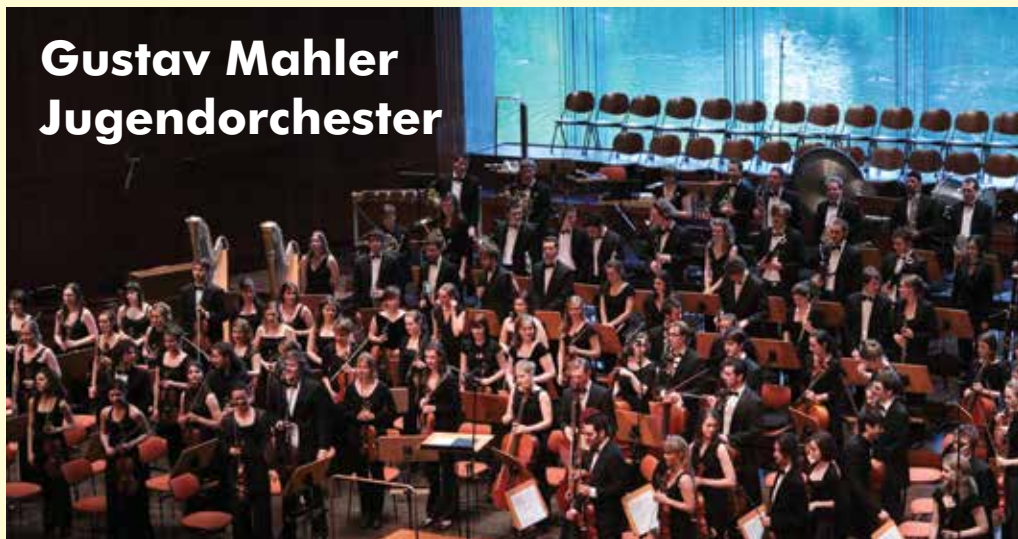


LORENZO VIOTTI © RENSKÉ VROHLIK

Lorenzo Viotti nasceu em Lausanne, na Suíça, no seio de uma família de músicos de ascendência italiana e francesa. Estudou piano, canto e percussão em Lyon e Viena, tendo sido percussionista da Filarmónica de Viena. Em simultâneo, estudou direção de orquestra com Georg Mark em Viena e com Nicolás Pasquet no Conservatório Franz Liszt, em Weimar. Em 2015, aos 25 anos de idade, venceu o *Nestlé and Salzburg Festival Young Conductors Award*, o Concurso Internacional de Direção de Cadaqués e o Concurso de Direção MDR. Na sequência destes sucessos, foi convidado a dirigir a Orquestra Sinfónica de Tenerife, a Filarmónica da BBC de Manchester, a Royal Liverpool Philharmonic e a Orquestra Nacional de Lille. Posteriormente dirigiu também a Sinfónica de Tóquio, a Filarmónica de Osaka, a Orquestra Nacional de França, a Sinfónica de Bamberg, a Filarmónica de Bremen, a Orquestra do Gewandhaus de Leipzig, a Orquestra da Rádio de Munique, a Orquestra de Câmara de Lausanne, a Filarmónica de Roterdão, a Sinfónica de Gotemburgo e a Sinfónica da Rádio Nacional Dinamarquesa. Em maio de 2015 dirigiu a

opereta *La belle Hélène*, de Offenbach, no Théâtre du Châtelet, em Paris, seguindo-se *La cambiale di matrimonio*, de Rossini, no Teatro La Fenice, em Veneza, *Carmen* de Bizet, em Klagenfurt, e uma série de récitas de *Rigoletto*, de Verdi, na Ópera de Estugarda. Em 2016, Lorenzo Viotti foi três vezes convidado a realizar substituições de última hora, estreando-se à frente de grandes orquestras como a Orquestra Real do Concertgebouw de Amesterdão, no lugar de Franz Welser-Möst, da Sinfónica de Viena, em dois concertos, no lugar de Myung-Whun Chung, e da Orquestra de Câmara do Festival de Verbier, no lugar de Marc Minkowski. Em agosto fez a sua estreia no Festival de Salzburgo, onde dirigiu a Orquestra Sinfónica da Rádio de Viena. Em 2017, Lorenzo Viotti regressa ao palco do Grande Auditório Gulbenkian – agora à frente da Gustav Mahler Jugendorchester – depois de, em janeiro, ter dirigido a Orquestra Gulbenkian pela primeira vez. Outros compromissos para a presente temporada incluem projetos com a Staatskapelle Dresden, a Filarmónica de Munique e várias produções de ópera em Klagenfurt, Estugarda, Frankfurt, Dresden, Zurique, Lyon, Paris e Tóquio.

Gustav Mahler Jugendorchester



GUSTAV MAHLER JUGENDORCHESTER © RODRIGO DE SOUZA

Fundada em Viena em 1986/87, por iniciativa de Claudio Abbado, a Gustav Mahler Jugendorchester (GMJO) é hoje considerada uma das melhores orquestras de jovens do mundo, tendo sido distinguida pela Fundação Cultural Europeia em 2007. Além de encorajar o desenvolvimento e intercâmbio artístico de músicos jovens, a GMJO foi a primeira orquestra internacional de jovens a abrir audições nos países do leste europeu. Em 1992 alargou o seu âmbito aos músicos até aos vinte e seis anos de idade, provenientes de toda a Europa. Em função desta sua abrangência geográfica, conta com o alto patrocínio do Conselho da Europa. Anualmente, um júri internacional seleciona os músicos entre uma média de 2000 candidatos que se apresentam nas audições realizadas em mais de vinte e cinco cidades. Os membros do júri são destacados músicos de orquestras europeias, sendo também responsáveis pela preparação do repertório das digressões. Muitos dos antigos membros da GMJO integram atualmente as principais orquestras europeias, alguns deles como solistas dos respetivos instrumentos. O repertório estende-se da música clássica à contemporânea, com especial incidência nas grandes obras sinfónicas do período romântico. O seu alto nível artístico

tem atraído muitos dos principais maestros de renome internacional como D. Afkham, H. Blomstedt, P. Boulez, C. Davis, C. Eschenbach, P. Eötvös, I. Fischer, D. Gatti, B. Haitink, P. Järvi, M. Jansons, P. Jordan, V. Jurowski, I. Metzmacher, K. Nagano, V. Neumann, J. Nott, S. Ozawa, A. Pappano, ou F. Welser-Möst. Entre os solistas que colaboraram com a GMJO podem destacar-se Martha Argerich, Yuri Bashmet, Lisa Batiashvili, Renaud e Gautier Capuçon, Christian Gerhaher, Matthias Goerne, Susan Graham, Thomas Hampson, Leonidas Kavakos, Evgenij Kissin, Christa Ludwig, Radu Lupu, Yo-Yo Ma, Anne-Sophie Mutter, Anne Sofie von Otter, Maxim Vengerov, ou Frank Peter Zimmermann. A GMJO é convidada regular de prestigiados festivais e salas de concertos como o Concertgebouw de Amesterdão, o Suntory Hall de Tóquio, o Festival de Salzburgo, o Festival de Edimburgo, os *BBC Proms*, a Semperoper Dresden, ou o Festival de Lucerna. Desde 2010, tem-se apresentado todos os anos na Fundação Calouste Gulbenkian. Em 2012 foi anunciada uma intensa parceria artística com a Staatskapelle Dresden. Por ocasião do seu 25.º aniversário, a Gustav Mahler Jugendorchester foi nomeada Embaixadora UNICEF Áustria. O Erste Group e o Vienna Insurance Group são os seus patrocinadores principais.

Gustav Mahler Jugendorchester

Claudio Abbado (1933-2014) Fundador

Lorenzo Viotti Maestro Assistente

Alexander Meraviglia-Crivelli Secretário Geral

VIOLINOS I

Hildegard Niebuhr *Concertino* Alemanha

Dorothee Appelhans Alemanha

Hanna Bruchholz Alemanha

Elisabeth Gansch Áustria

Ana Isabel García Fernández Espanha

Amelie Gehweiler Alemanha

Daniela Kaner Áustria

Jerica Kozole Eslovénia

Elena Lichte Alemanha

Isolda Lidegran Correia Portugal

Irène Martin França

Giuseppe Mengoli Itália

Yann Metzmacher Alemanha

Sara Molina Castellote Espanha

Emma Parmigiani Itália

Marie-Therese Schwöllinger Áustria

VIOLINOS II

Mireia Castro Real Espanha

Ana Dolžan Eslovénia

Iris Dominé França

Anastasiia Farrakhova Rússia

Elsa Klockenbring França

Tetiana Kvyh Ucrânia

Luxi Lavielle França

Veronika Mojžešová República Checa

Marie-Anne Morgant França

Nefelina Musaelyan Arménia

Gemma Raneri Itália

Maria Inês Ribeiro Marques Portugal

Justine Rigutto França

Johanna Rode Alemanha

Karolina Skoczylas Polónia

Alina Vižine Letónia

VIOLAS

Maite Abasolo Candamio Espanha

Cátia Bernardo Sousa dos Santos Portugal

Héctor Cámara Ruiz Espanha

Júlia Casañas Castellví Espanha

Federica Cucignatto Itália

Paloma Cueto-Felgueroso Mejías Espanha

Alba de Diego Herrera Espanha

Antonina Goncharenko Ucrânia

Joaquín González Montoro Espanha

Clara Mascaró Nadal Espanha

Mathilda Piwkowski França

María Rallo Muguruza Espanha

Paula Romero Rodrigo Espanha

Miryam Veggi Itália

VIOLONCELOS

Ana Antón Salvador Espanha

Clara Berger Alemanha

Lisa Braun Áustria

Oliver Erlich Finlândia

Andrea Fernandez Ponce Espanha

Juliette Giovacchini França

Paula Lavarías Ferrer Espanha

Anna Nagy Hungria

Sophia Rönnebeck Alemanha

Raphael Stefanica França

Jana Telgenbüscher Alemanha

Milena Umiglia Suíça

CONTRABAIXOS

Emanuel Couto Oliveira Portugal

Pedro dos Santos de Figueiredo Portugal

Juan López Ribera Espanha

Francisca Macedo de Sá Machado Portugal

Todor Marković Eslovénia

Jorge Martínez Campos Espanha

Grega Rus Eslovénia

Iker Sánchez Trueba Espanha

Andreu Sanjuan Albado Espanha

Žiga Trilar Eslovénia

FLAUTAS

Veronika Blachuta Áustria
Chloé Dufosse França
Marta Femenía Martínez Espanha
Luc Mangholz França
Stefan Gottfried Tomaschitz Áustria

OBOÉS

Martin Danek República Checa
Imogen Davies Grã-Bretanha
Raphael Klockenbusch Alemanha
João Miguel Moreira da Silva Portugal
Julia Obergfell Alemanha

CLARINETES

Aljaž Kalin Kante Eslovénia
Daniel Kurz Áustria
Maura Marinucci Itália
Irene Martínez Navarro Espanha
Arthur Stöckel França

FAGOTES

Thomas Gkesios Grécia
Johannes Hund Alemanha
Mihael Mitev Eslovénia
Jesús Villa Ordóñez Espanha

SAXOFONES

Domen Koren Eslovénia
Nele Tiebout Bélgica

TROMPAS

José Nuno Carvalho Teixeira Portugal
Julia Daiger Alemanha
Juan Guzmán Esteban Espanha
Blaž Ogrič Eslovénia
Mickael Pinheiro Faustino Portugal
Christian Wollmann Alemanha

TROMPETES

Yael Fiuza Souto Espanha
Lorenz Jansky Áustria
Urška Kurbos Eslovénia
Nicola Rouse Grã-Bretanha
Francisco Gaspar Tomás López Espanha

TROMBONES

João Martinho Portugal
Daniel Mascher Áustria
Rúben Filipe Rodrigues Tomé Portugal

TROMBONE BAIXO

Joshua Cirtina Grã-Bretanha

TUBA

Fabian Georg Neckermann Alemanha

PERCUSSÕES

Jaime Atristain Espanha
Diego Jaén García Espanha
Felix Kolb Alemanha
Maxime Pidoux França
Guillem Ruiz Brichs Espanha
Andrea Toselli Itália

HARPA

Johanna Solbès França

PIANO / CELESTA

Estefanía Cereijo Omil Espanha
Itxaso Sainz de la Maza Bilbao Espanha

PATROCINADORES PRINCIPAIS

A GUSTAV MAHLER JUGENDORCHESTER
 É EMBAIXADORA DA



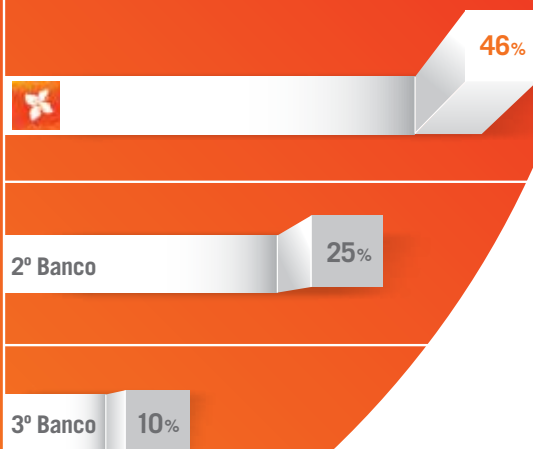
BANCO DE CONFIANÇA.



BPI é Marca de Confiança na Banca pelo 3º ano consecutivo.

O BPI foi reconhecido como a marca bancária de maior confiança em Portugal, de acordo com o estudo Marcas de Confiança que as Selecções do Reader's Digest organizam há 16 anos em 10 países. O nível de confiança do BPI subiu de 39% para 46%, registando o melhor resultado alguma vez alcançado em todo o sistema financeiro português desde o lançamento do estudo em 2001. O BPI agradece este voto de confiança e tudo fará para continuar a merecê-lo.

Este prémio é da exclusiva
responsabilidade da entidade
que o atribuiu.



17 + 18 Março
SEXTA, 19:00 / SÁBADO, 19:00

Gustav Mahler Jugendorchester



**Daniel
Harding**

**Christian
Gerhaher**

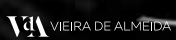


GULBENKIAN.PT

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
MÚSICA DE CÁMARA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO PIANO



MECENAS
CORO GULBENKIAN



19 Março
11:00 / 16:00

Concertos de Domingo

Festa da Percussão



Orquestra Gulbenkian

GULBENKIAN.PT

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
MÚSICA DE CÁMARA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO PIANO



MECENAS
CORO GULBENKIAN



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA
Ian Anderson

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
The Designers Republic

DESIGN GRÁFICO
AH-HA

TIRAGEM
500 exemplares

PREÇO
2€

Lisboa, Março 2017

FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

GULBENKIAN.PT